



**UMA VENEZUELA PARA LEVAR, POR FAVOR**  
*Formas do realismo no romance contemporâneo venezuelano*

Cristina Gutiérrez Leal (UFRJ)<sup>1</sup>

**Resumo:** Escrever desde a memória histórica, tanto para resgatá-la quanto para interpelar suas formas de interpretação, é um dos labores que a literatura tem assumido. Neste sentido, me propus fazer uma revisão do romance *Patria o muerte* do escritor venezuelano Alberto Barrera Tyszka, para analisar a proposta tanto estética quanto histórica que o autor nos traz a respeito da situação política venezuelana no percurso da doença e morte do ex-presidente Hugo Chávez.

**Palavras-chaves:** história, Venezuela, *Patria o muerte*, Chávez


Escrever desde a memória histórica, tanto para resgatá-la quanto para interpelar suas formas de interpretação, é um dos labores que a literatura tem assumido. Sobretudo a narrativa moderna tenta fazer do processo representativo uma maneira de conciliar a experiência íntima com o sentimento dos imaginários culturais que se nutrem e se ressignificam através de sua história.

Especialmente os narradores em Latino-américa têm sido testemunhas do desenvolvimento e dos tropeços de uma região cujas vulnerabilidades saltam à vista. Justo agora em que a América do Sul atravessa a subversão do projeto de união que a esquerda tentou fazer criando um bloco quase continental de forças ideológicas e de estratégias sociopolíticas que permitiram o avanço em algum de nossos países. Com a criação e fortalecimento de instituições forjadoras de uma identidade, personalidade e potência econômica própria (Unasur, Alba, Mercosul, Petrocaribe), parece que as nossas nações poderiam estar estabelecendo relações frutíferas em muitos níveis e sentidos como, de fato, têm acontecido <sup>2</sup>. No entanto, com a morte de Hugo Chávez e o enfraquecimento da esquerda, a polarização e segmentação de interesses em comum conseguiram que a potência destas organizações em relação a objetivos focados no bem-estar social esteja tensionada. Para a data que escrevi este trabalho, por exemplo, o ponto a tratar na agenda Mercosul é a presidência pró tempore de Venezuela, apoiada por uns países (com governos de esquerda) e fortemente recusada por outros (com governos de direita). E hoje, 26 de julho, dia de sua última revisão, a OEA se reúne por enésima vez para tratar o tema da crise humanitária e política no país bolivariano.

---

<sup>1</sup> Graduada em Educação (UNEFM-Venezuela); mestre em Literatura ibero-americana (ULA-Venezuela) e doutoranda em Literatura Comparada na UFRJ. Contato: cdgl19@gmail.com.


<sup>2</sup>A cidadania Mercosul é um destes triunfos, pois permite a integração consular de todos os países membros, o que facilita o intercâmbio e mobilidade dos cidadãos dentro deles.



A tragédia socioeconômica aumentou com força em quase todos os países latino-americanos, mas é evidente: o projeto de nação que mais está sendo afetado é o venezuelano, e está provocando as mais controversas respostas na esquerda mundial. A revolução bolivariana assiste a sua derrubada ou no mínimo sofre uma desestabilização voraz que tem conseguido quebrar as bases não só do “Plan de la Patria” proposto por Chávez, senão também escavar os códigos de convivência da sociedade venezuelana. As razões que o Estado oferece para explicar esta situação passa pela chamada “Guerra econômica” e argumenta, entre outras, as seguintes razões: trancamento dos alimentos e medicinas por parte da empresa privada, especulação, psicoterrorismo da mídia, decréscimo dos preços do petróleo, violência infundada pela direita venezuelana e a CIA, etc.; a contraversão aponta outra série de argumentos como pouca produção interna, corrupção, controle das divisas que potencializa o mercado paralelo de dólares, desvalorização da moeda, ineficiência de programas para combater a escassez, programas sociais insustentáveis, manutenção irracional a países como Cuba, abuso de poder, entre outros. Hoje Venezuela parece ser a melhor definição das palavras caos, repressão e violência.

Ambas versões são até certo ponto verdadeiras, há que o dizer. Há uma guerra econômica –a guerra que de fato tem existido sempre por parte do grande capital e seus aliados na contramão de países ricos em recursos naturais e pobres de instituições que defendam sua autonomia– mas também uma ineficiente gestão de governo que seria menos dura de encarar se não estivesse acompanhada pelo cinismo que mantêm os herdados do legado chavista. No jogo de culpas da tragédia venezuelana o primeiro exercício que deveria fazer nas cúpulas do poder (tanto oficial quanto opositor) é entrar num quarto rodeado de espelhos.

Este cenário tão importante, decisivo e doloroso para as classes pobres e trabalhadoras é visto pelos escritores venezuelanos e rapidamente, quiçá demasiado cedo, representado na literatura. Os venezuelanos somos leitores efusivos do “romance histórico”. Vamos até ele talvez com intenções pedagógicas (a conhecer nossa história, representada em honra ao relato independentista e identitário do país por escritores como Rómulo Gallegos, Uslar Pietri), a desconstruir o passado (Herrera Luque, por exemplo) ou procurar chaves para entender nossa personalidade como sociedade. Neste sentido, a narrativa que a respeito da situação atual se tem produzido -muito cedo- atende à




rememoração dos fatos e o olhar apressado de escritores abrumados pelo presente do país. Estes, inseridos em uma tradição fortemente realista, já têm oferecido aos leitores pelo menos três romances, possivelmente, fundamentais: *Los maletines* (2014), de Juan Carlos Méndez Guedez; *Patria o muerte* (2015), de Alberto Barreira Tyszka; e *The Night* (2016), de Rodrigo Blanco Calderón. Para este trabalho revisarei *Patria o muerte*.

Em *Sociedade e literatura* (1965), Antônio Cândido faz uma reflexão a respeito do que se considerou importante de uma obra literária quanto a sua vinculação com o tema social e após cotejar as duas grandes vertentes que se defenderam, uma que considerou o conteúdo acima da forma e outra que considerou o contrário, afirma que hoje “a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra” (CÂNDIDO, 2006; 12). Por conseguinte, na seguinte análise pretendo fazer uma leitura de *Patria o muerte* que faça justiça de seus argumentos temáticos e de sua proposta estética.

#### ***Patria o muerte* e o grande realismo**

Com *Patria o muerte*, o escritor venezuelano Alberto Barrera Tyszka ganhou o prêmio Tusquest em 2015; foi motivo de comemoração, pois tal reconhecimento colabora com o necessário processo para combater a invisibilização da literatura venezuelana no mercado estrangeiro. Seu título é uma evidente alusão a um dos principais lemas de Hugo Chávez: ¡*Patria o muerte*, venceremos! Isso repetia o presidente em quase todas as suas manifestações. O romance está contextualizado na Venezuela de finais de 2012 e começos de 2013, quando aconteceu o processo da doença e morte de Chávez. Época durante a qual o país se manteve em um palco de tensões e incertezas, pois o presidente decidiu se afastar para cumprir seu tratamento contra o câncer, em Cuba, e deixou no poder, tal como estabelece a nossa constituição, ao vice-presidente Nicolás Maduro.

A informação oficial que se oferecia ao país sempre foi a cargo do ministro do Poder popular para a Comunicação e Informação. Então, a informação que circulou entre a população –proveniente dos rumores e comentários de corredor, ou de fontes não conhecidas- era da mais variada e excêntrica natureza: que Chávez já tinha morrido, que o estão matando em Cuba, que não está doente e é uma farsa para manipular o povo, que o ministro mente a respeito da sua recuperação e Chávez está morrendo; enfim, baseado nesse turbilhão de hipóteses a narração propõe uma estrutura de muitas vozes, onde as



histórias das personagens sucedem com autonomia e têm um ponto de encontro entre si durante seu desenvolvimento. Barrera Tyszka incorpora entre suas personagens a chavistas e opositores, ambos nos extremos da paixão política: um médico que parece conservar a lucidez em frente à situação, uma jornalista estado-unidense obnubilada pelo carisma de Chávez, um jornalista venezuelano encarregado de fazer uma biografia do presidente e um casal de meninos que se apaixona via web, entre outros.

*Patria o muerte*, como já disse, oferece ao leitor uma das características próprias do grande realismo: o pessimismo. A leitura é absolutamente desesperançosa, pois expõe muito as conhecidas doenças do povo venezuelano. Em primeiro lugar mostra a polarização extrema da sociedade venezuelana através da construção de personagens tanto nas antípodas do discurso chavista quanto nas do discurso opositor, cuja briga faz conceber à população desde dois pontos bem afastados entre si e repletos de aporias. É o primeiro que se anuncia já desde as páginas iniciais do livro quando Miguel Sanabria, a personagem oncologista: “Achava que a política tinha nos intoxicado e que todos, de alguma maneira, estavam contaminados, condenados à intensidade de tomar partido, de viver na urgência de estar a favor ou na contramão de um governo” (BARRERA, 2015, cap. 1.). É o esgotamento que produziu a tomada de consciência política que o venezuelano comum obteve a partir da chegada ao poder de Chávez. Este, com toda uma estrutura de comunicação, contradisse e subverteu os modos que a chamada “Quarta república” desenvolveu para se manter no poder por quase quarenta anos com políticas sociais que não atendiam às necessidades dos mais vulneráveis e que apostou pela relação inescrupulosa da empresa petroleira mais importante do país (PDVSA) com as empresas multinacionais.

Então, Miguel Sanabria representa o setor da população que carrega a tomada de consciência política do venezuelano como um peso, enquanto sua esposa, Beatriz, e seu sobrinho mais querido estão cada um em lados opostos da polarização: “(Beatriz) Pensava que o grande erro da história recente tinha sido não matar a Chávez a tempo. Quando deu o golpe em 1992 ou quando lhe deram o golpe no ano 2002” (Ibid., cap.7); enquanto Vladimir “fazia parte de uma equipe de assessores da Secretaria da presidência. Viajou a Cuba com a comitiva que acompanhava ao presidente” (Ibid., cap.1). O fato de que Barrera Tyszka tenha disposto desta forma às personagens, estabelecendo uma espécie de zona liminar representada por Sanabria, faz pensar na ideia de uma narração orientada a

mostrar os dois polos da contenda política de maneira mais objetiva possível, o qual tivesse sido mérito para o relato, se não fosse pelo fato de que Sanabria “jamais tinha votado por Chávez” (Ibid., cap. 1). Mas sobre este assunto voltarei mais adiante.


No marco deste palco social já rasgado, onde por um lado estavam venezuelanos celebrando a doença do presidente e por outros venezuelanos envolvidos em seu processo de recuperação e esperando resultados positivos do processo médico em Cuba, sucede um dos argumentos mais dolorosos e desesperançosos do romance: uma mãe transtornada pela insegurança no país decide trancar a sua filha em casa para resguardá-la. Tudo ia “bem” até que algum dia tiveram a necessidade de sair e, efetivamente, os medos da mulher foram confirmados:

Como se fosse um animal instantâneo, de repente tomou forma adiante delas. Dois rapazes iam sobre a moto. Tudo aconteceu em muito poucos segundos. O rapaz que ia atrás tomou a carteira da mãe de María e a puxou. Sua mãe resistiu de maneira instintiva, sem pensar. O rapaz lhe lançou um soco no rosto. María gritou. A mãe permaneceu atada à bolsa. María voltou a gritar. O rapaz que estava conduzindo a moto pegou então uma pistola e a apontou. - Você é ou parece babaca? – Que acontece com você? A arma rangeu. –Velha puta- disse o rapaz que ainda tentava puxar o bolso. María já não teve palavras nem gritos. Sentiu que os olhos lhe doíam. Depois, soaram dois disparos. (Ibid., cap.6).<sup>3</sup>

A mãe de María morre. Esta cena não deixa em evidência nada que não tenha sido representado já em outros romances venezuelanos. Não desvela alguma situação desconhecida. Só representa, mostra novamente e sem condescendências, uma das mais cruéis realidades de Venezuela: a violência que se incrementou durante os últimos anos e que o romance sabe muito bem trazer à vista dos leitores e do mundo. Que a narrativa venezuelana volte sobre o tema da violência é inevitável; que neste caso o mostre através de uma mãe assassinada em frente a sua filha não é surpreendente para o leitor venezuelano, que lamentavelmente tem naturalizado a violência, pois está assentado no mesmo romance (baseada em estatísticas reais): “no ano anterior tinham-se registrado 19.336 assassinatos no país. (...) cujo resumo sentenciava que, durante o ano 2011, se tinham produzido diariamente 52 homicídios no país. Dois por hora. As estatísticas do ano que estava por terminar ameaçavam ser ainda maiores” (Ibid., cap 2.)

---

<sup>3</sup> Todos os trechos do *Patria o muerte* citados neste trabalho foram traduzidos por mim



Outra das grandes exposições da tragédia venezuelana representada em *Patria o muerte* foi desenvolver o verdadeiro ponto débil do presidente Chávez: não sua doença senão sua obsessão com o poder esquecendo do projeto social: “‘Até que o corpo aguente` era uma de suas palavras de ordem à hora de falar sobre sua permanência no poder. Até que o corpo aguente. Até que o corpo aguente. Até que o corpo aguente” (Ibid.cap.8). Esta subordinação do projeto social é explicada por Ociel López em *Dale más gasolina* (2015) como uma consequência de que “o líder privilegia o que sucede no âmbito internacional e substitui às classes altas pelo império como inimigo principal” (LÓPEZ, 2015, p.140) no meio do surgimento da burocracia como classe social “que termina usufruindo o Estado para seus próprios interesses e não para o bem-estar popular ”<sup>4</sup> (Ibid. p.141). Então, já nas eleições de 2012 o presidente sabia suas condições críticas de saúde e ainda assim decide ser o candidato presidencial de PSUV. Lê-se na novela e se escutou realmente assim em toda Venezuela: “‘Vimos por milagre em milagre’, a multidão rugiu, eufórica. `Eu estou seguro, seguiremos vivendo e seguiremos vencendo’, acrescentou”. (BARRERA, 2015, cap.8). Não esteve no poder nem seis meses: quase imediatamente após as eleições agonizou e morreu. Não era melhor dar passo a outra liderança com sua supervisão? Por que candidatar-se tendo uma doença terminal cujos tratamentos exigiam que estivesse internado? Tinha preparado já um sucessor durante seu mandato? A resposta a esta última pergunta é negativa, evidentemente.

Um dos cenários mais particulares e quase pavorosos da campanha chavista foi seu slogan “Eu sou Chávez”, o chamado socialismo do século XXI tinha-se convertido em uma sorte de marxismo evangélico cujo culto ao herói virou louvor centralizado na figura de Chávez e seu “martírio”: entregar a vida pelo país. Por conseguinte, seu discurso que se configurava como características que pudessem fazer sentir identificados o setor menos beneficiado do povo, passa a um discurso excessivo de mimetização Chávez-Venezuela. Venezuela era Chávez e Chávez já não era ele senão o povo mesmo; um discurso quase bíblico, tomando os mesmos modos do cristianismo para assentar a ideia do “Eu sou Chávez”. E os venezuelanos que não concordaram com ele? Se não eram Chávez não eram Venezuela? Devia ser o discurso do Estado venezuelano centralizado na figura de

---

<sup>4</sup> ... segue explicando: “É a imposição dos critérios de uma classe média incluída ou recém ascendida, proveniente basicamente de setores médios universitários ou militares que se proclamam socialistas, revolucionários ou de esquerda, mas que têm perdido a conexão com a lógica popular” (p.148), consequências que, cremos, foram e são as grandes derrotas do projeto chavista.



um salvador moribundo que “dava a vida pelo país” quando na realidade tinha uma doença comum? Como pode ser lido esse contexto?


### ***Patria o muerte e o grande mercado***

A incipiente recepção crítica que tem tido *Patria o muerte* nos círculos literários venezuelanos se conhece através das redes sociais, blogs e revistas. A leitura dos críticos importantes do país aponta a um olhar que legitima o romance de Barreira Tyszka como uma das narrações fundamentais para entender o momento histórico venezuelano. Por exemplo, Luis Yslas diz: “Ainda que para alguns personagens de *Patria o muerte* parecesse que só há um único culpado: o culpado sempre é o outro. Semelhanças com nosso noturno acontecer em Venezuela? O romance, já o disse Balzac, é a história privada das nações” (YSLAS, 2015), deixando insinuado que a história da nação venezuelana poderia ser lida em *Patria o muerte*. Neste mesmo sentido, Carlos Sandoval dirá: “Estas relações de caráter historiográfico servem, ao mesmo tempo, para reconstruir fragmentos da épica chavista e suas sequelas nas vidas públicas e privadas nacionais” (SANDOVAL, 2015), e diz também Miguel Gómez:

A concessão do Prêmio Tusquets 2015 a *Patria o muerte* de Alberto Barrera Tyszka (Caracas, 1960) muito fará para dar a conhecer este romance, ainda que talvez sirva mais para divulgar os perfis de uma estrutura de sentimento comum entre os afetados pelos dezesseis anos do regime chavista. Esta obra consegui capturar a sensação de temor de uma extensa coletividade –a classe média venezuelana dos sessenta, setenta e oitenta– depauperada ou dispersa no exterior. Mas o faz com um talento expressivo que reclama nossa atenção independentemente de todo espaço testemunhal. (GÓMEZ, 2015)

Não concordo. De fato, acho que para tomar o romance desde sua importantíssima dimensão historiográfica devemos perdoar-lhe deslize quanto à qualidade literária.

O romance conta com uma recepção crítica que aprova sobre ele não só uma leitura do país, uma janela para observar o drama venezuelano, senão que também elogia sua construção literária; no entanto, a contrapelo destas leituras legitimadoras, encontro em *Patria o muerte* algumas fraquezas que funcionam contrariamente da sua construção estética. Além de aparecimentos incômodos de lugares comuns de tipo: “sentia que tinha a culpa tatuada na pele” (BARRERA, 2015, cap.13); “Olharam-se aos olhos. Quantas coisas cabem num olhar? ” (Ibid., cap. 27), o primeiro aspecto que faz trambolhar a qualidade escritural desta obra –indissolúvel com sua relação ao momento histórico que representa- é a participação do narrador. O que esta novela tenta dizer deve ser dito por



ela e não pelo autor-narrador, pois diminui sua condição “literária” para assomar-se às lides da crônica jornalística cujo código ético de enunciação é outro: a fidelidade à “verdade” acima da relação com a linguagem.

O narrador de *Patria o muerte* subestima o razoamento crítico do leitor e o conduz ao que ele quer mostrar. É como se lhe indicasse ao leitor onde falhou o projeto chavista esquecendo que já a narração o está dizendo. Vejamos um exemplo. Diz o narrador –não uma personagem:

Chávez não tinha derrubado a nenhum ditador. Não tinha combatido nenhuma invasão, mas falava como se fosse o Che Guevara, como se pertencesse à um dos grandes combatentes latino-americanos. Sua temperatura verbal estava acima de sua realidade: só tinha ganhado as eleições em um país petroleiro. Nunca tinha enfrentado um perigo iminente em uma ação militar. Era um servidor público, não um guerrilheiro (Ibid., cap.22).

Esta desvalorização da figura de Chávez, expressada assim diretamente em forma de opinião jornalística, é quase desnecessária sendo que já, de fato, o romance propõe a imagem de um Chávez humano, fraco, doente, moribundo:

- E o segundo vídeo? – Perguntou Madeleine Butler (...).

- O segundo é mais ou menos igual – contou Sanabria-. Quicá resultava um pouco mais patético. Falava com dificuldade, misturava coisas. Provavelmente encontrava-se sobre efeitos de algum sedante. Falava de uma filha que tinha na ilha de Margarita e, de repente, dizia algo sobre o país, e depois voltava a chorar. E gritava que queria viver. E suplicava que, por favor, o salvassem.

Madeleine manteve-se impassível, escutando.

- Suponho que não querem que ninguém veja a Chávez assim. Muito menos agora.

Madeleine Butler olhou as imagens, depois regressou as pupilas ao rosto de Sanabria.


- Por que? – Perguntou.

O doutor Sanabria ficou uns minutos ensimesmado. Como se não tivesse escutado a pergunta.

- Porque os deuses não têm corpo – respondeu. Sem olhá-la-. Os deuses não gritam de dor, não sangram pelo cu, não choram. Os deuses não suplicam que os salvem. Os deuses nunca agonizam. (Ibid., cap.30)

Este é o verdadeiro retrato do presidente debilitado, Chávez sendo qualquer um, em contraste com o que se esperava que fosse, em frente ao olhar das expectativas de seus seguidores em Venezuela e o mundo; ainda assim, o mito foi construído inclusive com essa figura enfraquecida do ex-presidente, onde ele passou de ser uma pessoa doente de câncer a ser o “Cristo dos pobres, quem entregou sua vida pelo povo”.






Ainda que o romance esteja cheio destas intromissões desnecessárias me limitarei a expor só mais duas: em uma conversa entre Miguel Sanabria -opositor- e seu irmão -chavista-, o narrador diz a respeito deste último: “*Seu irmão tinha razão*. Tinha coisas injustificáveis. Mas era necessário defender ao governo. –Não somos a mesma merda. Isto é diferente.” (Ibid., cap.11; *ênfase minha*). Como já se disse, estas discordâncias de acordo com polos políticos opostos é um argumento central do romance, mas não só se mostra tal polarização senão que o narrador toma uma posição dentro do diálogo: “seu irmão tinha razão”. Não pode deixar o leitor decidir quem tem a razão no diálogo? Um dos aspectos mais reconhecidos pela crítica é precisamente se libertar de posições políticas e representar eticamente o desencontro político em Venezuela, mas é evidente que enquanto o narrador intervenha no relato para dizer de que lado está, a narração já adquire outro tom, mais pessoal, menos ficcional: menos literário.

Outro exemplo é o seguinte: uma das microhistorias do romance é a do jornalista (Fredy Lecuna) que durante a busca de informação para escrever uma biografia de Chávez se encontra com uma cubana que lhe oferece ajuda em troca de se casar com ela e assim poder sair da ilha. Ele aceitou. Após as armadilhas que tiveram que fazer para demonstrarem que estavam casados, a mulher o obriga a simular que tem relações sexuais fazendo gemidos muito altos em sua casa:

- É sua família! Como é possível que desconfie deles? -  
Sussurrou Fredy, algo alterado.
  - Aqui nunca se sabe.
  - Não acredito. É insólito! (...)
- Fredy não deixou de se surpreender com as diferentes formas de conviver com o medo que diariamente pratica Aylín. (Ibid., cap. 18).


Não estava suficientemente claro nesse e todos os terríveis episódios anteriores o medo e a repressão de Aylín e o surpreso de Fredy: “É insólito! ”? Parecesse que Barrera Tyszka através das interrupções do narrador lhe está dizendo ao leitor: olha aqui, significa isto, por se talvez não percebeu, por se não o entendeu. Isto me faz me perguntar inevitavelmente: a que tipo de leitor lhe escreve Barrera Tyszka? Um que precisa orientação, um que não saberia chegar a essas conclusões –evidentes-, um que precisa ir levado da mão do autor e não do relato, um leitor semi-formado? As massas, o mercado? Estamos em frente de um romance que enquanto lhe faz justiça as nossas dores como país



também se põem explicitamente ao serviço de um mercado de consumo estrangeiro ávido por confirmar que o projeto chavista fracassou.

Outro aspecto do qual adolece o arcabouço do texto é com respeito aos seus personagens. Se sente falta de um que fosse o retrato do venezuelano beneficiado pelo governo sem necessidade de vinculá-lo a cargos de poder. Quem são os chavistas na narração? O sobrinho de Miguel, que é parte do gabinete executivo do governo; e seu pai Antonio quem também passa a fazer parte da plataforma corrupta do Estado graças a ele; três mulheres que se aliam com Andreína –venezuelana, opositora, que está de regresso no país após ter fracassado no exterior- para invadir a casa de outra venezuelana que estava querendo aproveitar as leis que protegem o inquilino; dois jovens envolvidos em última campanha eleitoral, e personagens sumamente periféricas de quem não sabemos muito, que respondem sistematicamente a pergunta da jornalista estado-unidense, e falam de sua identificação com Chávez mas o fazem desde o plano sociológico e emocional: “Via gente que tinha entrevistado nos bairros populares, gente humilde, gente muito pobre, que asseguravam que Chávez lhes tinha mudado a vida, gente com histórias difíceis, famílias desfeitas, que tinha tido que enfrentar grandes dificuldades, gente que graças a Chávez se sentiu querida, importante” (Ibid., cap.12); bem, mas, por que se haviam sentido assim? Parece que só fosse um assunto de mero reconhecimento do subalterno. Mas o romance prescinde de informação que para conseguir sua já celebrada imparcialidade é insubstituível.

Se um romance pretende ser testemunha e transformador estético dessa época em Venezuela deveria, sem dúvida, deixar constância da existência de um setor da população que não tendo relação com o poder se viu beneficiada com os programas sociais implementados: uma pessoa considerada analfabeta que consegue estudar na Misión Robinson, um avô que trabalhava sem reconhecimento da legislação trabalhista começa a receber uma bolsa, uma família que obteve uma casa graças a Misión Vivienda, as pessoas de um povo do interior do país que agora tinham ambulatório e ambulância própria, um indígena cuja moradia lhe foi reconstruída e cuja língua foi reconhecida, um venezuelano, enfim, que acreditou no projeto chavista porque respondeu às necessidades vitais que nenhum outro governo tinha respondido e não porque lhe deu nenhum tipo de acesso ao poder político, só participação social, dignidade, que embora depois tinha derivado em uma grande forma de manipulação e humilhação ao mesmo povo, no



momento significou inclusão, respaldo, apoio por parte do governo. Sim, além do carisma de Chávez, o “feitiço” que a maioria da população que votou a seu favor em dezesseis contendas eleitorais seguidas tem explicação tangível. Disto se esquece *Patria o muerte*.

Este relato está escrito no contexto da doença e morte de Hugo Chávez, propondo suas mais dolorosas consequências e esquecendo um pouco as razões pelas quais permaneceu tanto tempo no poder. Na verdade, o pior cenário do país com uma das reservas de petróleo maiores do mundo não foi esse, senão o que se está vivendo agora mesmo, a quase três anos da vitória do sucessor de Chávez, Nicolás Maduro, quando além de todos os graves problemas que magoam e fazem a vida do venezuelano mais deplorável todos os dias surge um perigoso -mas compreensível- sentimento de esquerdofobia que recusa tangencialmente todo o relacionado a um pensamento ideológico que em Venezuela parece se derrubar, se converter em precisamente o criticou: corrupção, autoritarismo, distribuição injusta da riqueza, comédia ideológica, discurso homofóbico, luta irracional pelo poder. Em frente a uma direita que não tem sabido limar suas asperezas internas pois segue interessada somente no que sempre lhe interessou: o poder. O que fará a literatura venezuelana com este doloroso e importantíssimo momento histórico? Mais produtos “estéticos” para o sensacionalismo estrangeiro? Ficamos no aguardo.

#### **Referências bibliográficas**


BARRERA TYSZKA, Alberto. *Patria o muerte*. Barcelona: Tusquets Editores, 2015. (Edição para Kindle).

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul Editores, 2015.

#### **Referências eletrônicas:**

GÓMEZ, Miguel. “Sobre Patria o muerte”, 2015. Disponible en: <http://www.letraslibres.com/revista/libros/patria-muerte-y-camp> (Data de consulta: 29/07/2016).

LÓPEZ, Ociel. (2015) *¡Dale más gasolina! Chavismo, sifrinismo y burocracia*. Caracas: Fundación Casa Nacional de las Letras Andrés Bello, 2015. Disponible en: <http://casabello.gob.ve/sites/wp-content/uploads/2015/08/dale-mas-gasolina-PDF-4.pdf>.



SANDOVAL, Carlos. “Pupilas de retina”. Disponible en: <http://www.elestilete.com/escritura/pupilas-de-resina/>, 2015. (Data de consulta: 29/07/2016).

YSLAS, Luis. “Apuntes sobre Patria o muerte”. Disponible en: <http://prodavinci.com/blogs/apuntes-sobre-patria-o-muerte-de-alberto-barrera-tyszka-por-luis-yslas-prado/>, 2015. (Data de consulta: 29/07/2016).